

APRESENTAÇÃO¹

No cumprimento de uma das funções que lhe incumbe desempenhar, o Centro Português da Associação Internacional dos Críticos Literários atribui, com o presente acto, o Prémio Jacinto do Prado Coelho/2000, na especialidade de Ensaio Literário, a Eugénio Lisboa, com ele distinguindo o seu livro intitulado *Portugaliae Monumenta Frivola ou as verdadeiras e falsas riquezas*.

Não é um purismo de retórica humanista iniciarmos esta citação pelo nome do Autor, quando a distinção visa factualmente um livro publicado, livro que só depois se consigna a uma autoria. Na verdade, está também implícito no espírito deste Prémio, como melhor fundamento dele, o propósito de consagrar, com a distinção desse livro, o conjunto da obra que, nos domínios do Ensaio, Crítica, História e Teoria Literária, compõe o currículo do Autor.

A título apenas rememorativo, notemos que no currículo de Eugénio Lisboa constam títulos como:

- (1). *José Régio*, 1957
- (2). *Crónica dos Anos da Peste I*, 1973
- (3). *Poesia de Moçambique I* (em Colab.), 1973
- (4). *Crónica dos Anos da Peste II*, 1975 (Os dois vol. reed. em 1996)
- (5). *José Régio: A Obra e o Homem*, 1976
- (6). *O Segundo Modernismo e Portugal*, 1977
- (7). *José Régio: Uma Literatura Viva*, 1978
- (8). *Versos e Alguma Prosa de Jorge de Sena*, 1979
- (9). *Poesia Portuguesa do “Orpheu” ao Neo-Realismo*, 1980
- (10). *Estudos sobre Jorge de Sena* (Org. e Introd.), 1984
- (11). *José Régio: A Obra e o Homem*, 1986
- (12). *As Vinte e Cinco Notas do Texto*, 1987
- (13). *José Régio ou a Confissão Relutante*, 1988.

Quatro paradigmas podem ser deduzidos desta produção escandida ao longo do tempo, e orientada para um determinado campo estético e criação literária:

José Régio, O Segundo Modernismo, Jorge de Sena, as Literaturas Africanas de Língua Portuguesa centradas na Moçambicana.

¹ Sessão realizada com a presença do Presidente da Sociedade Portuguesa de Autores, Anfitrião, do Ministro da Cultura e do Presidente do Instituto Português do Livro e das Bibliotecas, em 26/11/2001.

Para o correcto entendimento das linhas de força do citado elenco de textos e, em particular, do livro que agora se distingue, não é irrelevante referir as funções de docência universitária em várias ocasiões assumidas por Eugénio Lisboa, em África (República da África do Sul e Moçambique) e na Europa (Suécia e Reino Unido), actividade pedagógica completada depois pela função de Conselheiro Cultural da Embaixada de Portugal em Londres.

E é tendo em conta este percurso de uma vida intelectual, e o que revela de aplicação cultural, que demarcamos e pomos em relevo alguns traços fundamentais da escrita do autor, suscitados pelo pequeno exercício metalinguístico impresso na capa do livro agora galardoado, a respeito do conteúdo, esclarecendo:

Escritos ligeiros de proveito e exemplo, páginas de polémica, entrevistas e outro pão partido em pequeninos.

Informação e auto-apreciação que melhor se compreendem à luz do esclarecimento que o autor junta em “Nota de Abertura”:

Os textos que incluo neste pequeno volume vão lançados sob um signo aparentemente vulnerável: o signo da frivolidade. Não que nele se tratem temas frívolos, na hipótese improvável de haver temas frívolos. Mas porque aqui se fala, sobretudo, em tom desenvolto, desenfatiado, com uma espécie de almejado vigor fácil que se impacienta com o ritmo mais pachorrento de uma erudição muito cuidadosa e muito meticulosa.

Sob o tom da aparente displicência, e empregando um léxico que nem sempre não presta reverência a um cânone de limites sisudos, o tópico da erudição é dos que melhor parece encaixar no citado “signo da frivolidade”. Um traço característico do texto é, com toda a evidência, a abundância de obras, de sentenças e de autores convocados em apoio das ideias trabalhadas pelo ensaísta, como que alimentando o simulacro de uma contradição factual. Ou ainda, mais subtilmente, o jogo calculado sobre a asserção denegativa, ponto de partida para o que admitimos ser uma espécie de mensagem cifrada subjacente a esta escrita.

Grande abundância de citações, por princípio despojadas de remissões bibliográficas, será por certo um caso de “tom desenvolto, desenfatiado”, não erudito, no sentido de pouco “meticuloso”. Mas também não deixará de exprimir uma erudição a jorrar em abundância de cultura, de cultura activa que, então, se dá a ver e a entender como sinalética de determinada maneira de estar em literatura e de ser leitor, um leitor de referência.

O percurso ensaístico de Eugénio Lisboa, significado pelos domínios em que ocupou a sua obra (José Régio, o Segundo Modernismo, Jorge de Sena, a Literatura Moçambicana), merece pois ser visto pelo que é, e quer ser, um exemplo de fidelização, de empenho e de convicção que não se coaduna, em absoluto, com o signo da displicência que diz convir ao livro agora distinguido.

No contexto da asserção denegativa em que vemos o texto mover-se, o signo da frivolidade e a displicência talvez constituam os significantes da ironia que canaliza, e exemplifica, as condições que, para Eugénio Lisboa, satisfazem o empenho numa verdadeira pedagogia da relação literária.

Num livros de trezentas páginas, repartidas por quatro capítulos:

- = “I- Considerações Breves”
- = “II- Algumas Admirações”
- = “III- Desacordos”
- = “IV- Eu, Me, Migo, Comigo”

reúne o autor cerca de meia centena de pequenos textos onde, de muitos modos, se afirma e demonstra que falar e escrever sobre literatura não é sequer concebível sem a convivência activa, demorada no tempo, com os livros e autores que dão forma ao gosto e ao saber literário.

E é o capítulo “III- Desacordos” dedicado a questões sensíveis da cena literária moçambicana que melhor se justifica essa asserção: - longe de privilegiar o exercício da escrita, o ensaísta não pode dispensar a leitura estribada no cultivo da empatia, na expressão dos afectos e na medida do gosto, essenciais ao bom senso dos juízos críticos.

Se o afecto é a condição para o enleio da relação positiva com os livros, a informação e a formação do crítico-leitor significam esse enleio sob a forma de um diálogo entre autores, obras e culturas, o que na concepção de Eugénio Lisboa é o melhor garante da escrita de ensaio, consistente de verdades sem embustes.

Concluindo, em argumento a favor do Prémio concedido, poder-se-á então dizer deste livro, e de toda a obra ensaística de Eugénio Lisboa, que a sua regra obedece a uma deontica por inteiro empenhada numa relação onde literatura, literário e escrita dão forma a um horizonte de convicções e valores que só terão por alicerce e motivação genuína a coloquialidade da leitura, de uma leitura viva, ao mesmo tempo estética e humana.